

“Espelho, Espelho Meu...”

Reflexões sobre os Fundamentos de uma Espiritualidade Evangélica

Enio R. Mueller

“Espelho, espelho meu... haverá no mundo alguém mais bonito do que eu?” Todos conhecem a estória de Branca de Neve. A estória de uma rainha e seus espelhos. Os espelhos falam. E só dizem a verdade. Verdade, nada mais que a verdade...

Nossas reações diante desta estória vão espontaneamente na direção de uma identificação com personagens. A rainha é a “do mal”, Branca de Neve é a “do bem”, portanto ficamos a torcer para que a rainha seja desmascarada no fim da estória, e que Branca se dê bem e seja reconhecida. Quem somos nós nesta estória? Branca, naturalmente...

Mas não estamos aqui para falar de contos de fadas. O subtítulo desta preleção propõe que o tema seja “espiritualidade”. Não qualquer espiritualidade, mas especificamente uma espiritualidade “evangélica”. É não todos os aspectos de uma espiritualidade evangélica, e sim os “fundamentos” da mesma. O que tem espiritualidade evangélica a ver com Branca de Neve, com rainhas más e com espelhos?

Quero começar sugerindo que o tema da espiritualidade cristã pode muito bem ser analisado a partir da analogia com o espelho, e que de fato, a partir desta analogia, sua análise ganha contornos surpreendentes.

No fundo, este é um estudo envolvendo o velho tema da justificação e da santificação. Esta questão estará sempre na base de qualquer discussão sobre espiritualidade, ao menos no que diz respeito à espiritualidade do ser humano enquanto pessoa. Estou consciente de que um segundo horizonte de discussão do tema seria o da existência do ser humano dentro da criação de Deus, o que daria lugar a uma espiritualidade “ecológica”, a partir dos fundamentos de uma teologia da criação. Nela seriam discutidas as questões pertinentes ao nosso ser dentro da sociedade e no âmbito da natureza. Também este segundo horizonte de uma espiritualidade cristã precisa ser urgentemente trabalhado dentro da teologia luterana. Também esta dimensão da espiritualidade pode ser trabalhada, ao meu ver, a partir da analogia do espelho.

1. “Espiritualidade Evangélica”?

A história da tradição teológica luterana mostra que o nosso enunciado não é tão óbvio assim. É lícito falar de uma espiritualidade evangélica? No início dos anos 80, um artigo de Georg Heckel tenta responder a esta pergunta¹. Ele começa falando da estranheza do termo dentro da tradição luterana. Reconhece, contudo, que ultimamente ele tem se tornado um tema corrente também dentro da mesma.

Depois de descrever diferentes concepções de espiritualidade dentro da tradição católica, na tradição ortodoxa, nas religiões não-cristãs e finalmente numa espiritualidade “secular”, o autor passa a refletir sobre o conteúdo de uma espiritualidade evangélica. Vale dizer que a grande reserva que na tradição luterana se tem tido acerca de termos como “espiritualidade” tem sua causa na concentração no sujeito religioso que tais termos carregam. E, como ainda veremos, não é que na interpretação luterana não haja uma concentração no ser humano como sujeito religioso. Há, sim, uma radicalização desta concentração, porém com o fim último de uma libertação também radical desta concentração. Para mostrar isso é que recorreremos aqui à analogia do espelho.

2. Espiritualidade e Teologia

De início devemos dizer que não podemos falar de espiritualidade sem logo falar em teologia. E, numa concepção luterana, também não é possível falar corretamente de teologia sem falar em espiritualidade. Daí a importância do nosso tema. Sem querer demonstrar aqui esta proposição, tenho para mim que a teologia de Lutero é, para nós, essencialmente o que chamaríamos hoje de “teologia fundamental”. Lutero, no contexto da sua época, realiza uma crítica monumental à teologia recebida da tradição e chega a recolocar os alicerces para a construção de um novo ou de novos edifícios teológicos. Assim, o que caracteriza a teologia luterana de fato não é ser um edifício teórico concluído (coisa, aliás, impossível dentro dos pressupostos da teologia luterana), e sim ser uma constante volta às raízes da teologia. E nas raízes da teologia vamos encontrar também o que aqui chamaremos de uma “espiritualidade”.

O que está na raiz da teologia evangélica luterana? O Deus vivo e Sua presença no mundo por Sua Palavra. Onde vamos encontrar a Palavra de Deus? Com o Evangelho de João, Lutero responderia: no Deus encarnado, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o eterno Filho de Deus. Por esta Palavra, para Lutero, o mundo foi criado e continua sendo sustentado até hoje. Por esta Palavra a Igreja é fundada e se mantém até hoje. Por esta Palavra cada ser humano é tornado “nova criatura” neste mundo. Por esta mesma Palavra, por fim, toda a ordem cósmica será definitivamente transfigurada quando esta Palavra-Jesus Cristo voltar ao mundo para julgá-lo e conduzi-lo ao Pai, para que este finalmente “seja tudo em todos” (1 Co 15.28).

Onde vamos encontrar esta Palavra de Deus hoje, quando o Deus encarnado não está mais fisicamente presente entre nós? O Deus encarnado que é a Palavra eterna de Deus continua, por Seu Espírito, presente entre nós de duas formas: na Palavra testemunhada e tornada presente nas palavras da Bíblia e na Palavra testemunhada e tornada presente nos sacramentos.

Ambos, palavras da Bíblia e elementos ou sinais dos sacramentos, são coisas humanas. Como humano foi o corpo do Deus encarnado quando esteve entre nós. A estes elementos humanos vem se juntar a Palavra de Deus, o Cristo vivo. E quando se junta a eles o faz de forma a realizar uma “transfiguração” dos elementos. Continuam a ser elementos humanos, corpo humano, palavras humanas, água, pão, vinho. Mas agora, quando a Palavra de Deus/Cristo vivo se junta a eles, *in, cum* e *sub*, eles se tornam sacramentos de Deus, forma de presença de Deus neste mundo.

Um dos elementos mais característicos de uma teologia/espiritualidade evangélica luterana é esta *mediatividade*. Penso que ela está radicada nos propósitos mais profundos de Deus para com a humanidade e a criação inteira. Em última análise estamos falando aqui de um céu e uma terra feitos para estarem integrados um no outro, mas que a realidade do pecado separou. Os anseios mais profundos das religiões, tanto religiosas como seculares, dão conta dos nossos suspiros/gemidos, bem como dos de toda a criação (cf. Rm 8.19-22), por uma “re-ligação” entre céu e terra, entre o divino e o humano.

A maior parte destes “projetos de re-ligação”, bem representados na religião, pretendem alcançá-la, contudo, em última análise às expensas de um dos dois elementos, ou do céu ou da terra, ou do divino ou do humano. A tradição cristã, ao interpretar por fim a pessoa de Jesus Cristo como “realmente Deus” e ao mesmo tempo “realmente ser humano” nos coloca diante da tarefa/compromisso de nunca mais separarmos isto que Deus juntou Ele próprio em Sua própria pessoa, no Deus encarnado/Palavra viva de Deus.

A história da teologia e da espiritualidade cristã, contudo, demonstra que isso é mais difícil do que a princípio poderíamos pensar. E assim os caminhos e descaminhos da teologia e da espiritualidade cristã nos têm apresentado teologias/espiritualidades que tendem para o céu e não sabem bem o que fazer com a terra, ou teologias/espiritualidades que tendem para a terra e não sabem bem o que fazer com o céu.

E aí entra a teologia luterana, com seu caráter *mediativo*, onde toda ação de Deus neste mundo será uma ação que une um elemento do céu com um elemento da terra, começando/prosseguindo, de forma apenas antecipativa e sinalizadora, mas nem por isso menos real e segura, a realização do grande projeto de Deus, da re-ligação do céu com a terra e da terra com o céu. Este seria o conteúdo último da petição do Pai-Nosso para que a vontade de Deus seja feita “assim na terra como no céu”. O fim último da teologia é também o fim último da espiritualidade².

3. Fundamentos de uma Espiritualidade Evangélica

Temos dados, assim, os elementos fundamentais de uma teologia e consequentemente de uma espiritualidade evangélica luterana: a Palavra de Deus/Cristo vivo presente no mundo, os elementos da criação nos quais, com os quais e sob os quais ela se faz presente, e o caráter mediativo desta presença na junção destes dois pólos, representando respectivamente o céu e a terra. Resumo outra vez os elementos da criação aos quais a Palavra de Deus se junta: corpo humano (na encarnação), palavras humanas (na Bíblia), elementos da criação (nos sacramentos).

Num sentido próprio, a presença do Deus Palavra/Cristo poderia ser chamada de "sacramental". O sacramento por excelência seria, então, a pessoa de Jesus Cristo, e o princípio da encarnação o próprio princípio da sacramentalidade. A presença desta Palavra de Deus nas palavras da Bíblia torna-as sacramento, bem como a presença desta Palavra nos elementos do Batismo e da Eucaristia.

Assim, o primeiro princípio de uma espiritualidade luterana é o seu caráter *mediativo*, e com isso estamos dizendo, desde logo, *sacramental*. Auscultar o que está contido nestes sacramentos, no sentido amplo, é tarefa da teologia. Confrontar-se, ou melhor, ser confrontado com eles na realidade concreta da vida representa uma espiritualidade. Refletir sobre o que está envolvido nesta confrontação existencial, por último, é tarefa de uma teologia da espiritualidade, que assim se torna também sempre "ato segundo", teologia que reflete sobre a presença viva de Deus no mundo e o confronto deste Deus com suas criaturas.

A história da teologia, contudo, mostra que o *como* entender esta presença da Palavra de Deus na Bíblia e nos sacramentos, o segundo e o terceiro aspectos acima mencionados, está longe de um consenso. E bem assim as respectivas espiritualidades que resultam das diferentes interpretações ou nelas se refletem. Também a discussão sobre o primeiro aspecto, o da presença de Deus na pessoa humana de Jesus de Nazaré, já ocupou a Igreja e a teologia por muito tempo, e, mesmo que o dogma cristológico tenha sido fixado já há muito tempo, diferentes tendências se revelam ainda hoje na discussão.

Minha sugestão é que na apreciação do fenômeno da pessoa de Jesus Cristo teremos os critérios para um falar teologicamente correto também sobre a Bíblia e os sacramentos, e com isso uma espiritualidade teologicamente verdadeira.

Na pessoa de Jesus Cristo temos um duplo aspecto, como a teologia cristã tem reconhecido desde sempre e o belo hino de Fp 2.5-11 expressa de forma inigualável. Sendo Deus, Jesus esvaziou-se assumindo forma humana e assumindo em si mesmo a condição humana de pecado, até as últimas consequências, a morte na cruz. Temos assim, em Jesus Cristo, o próprio Deus assumindo sobre Si o drama humano: sofrendo os efeitos do pecado até a morte, e ressuscitando ou sendo ressuscitado depois para a vida eterna.

No que diz respeito a uma espiritualidade cristã, em Jesus Cristo como ser

humano exemplar temos, assim, dois aspectos resultantes do confronto com o Deus vivo. Primeiro, este confronto é juízo sobre o pecado, ele mata o ser humano. Segundo, este confronto é graça que ressuscita o ser humano da morte, para a vida eterna. Por esta razão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo se tornaram não só os fundamentos históricos do cristianismo, mas também emblemáticos de todo confronto com o Deus vivo neste mundo. Como ser humano exemplar, Jesus experimenta o que todo ser humano experimenta no encontro com Deus.

A partir daí podemos compreender melhor o que acontece no nosso confronto diário/dominical com a Palavra de Deus *nas palavras humanas da Bíblia*. Também aí este confronto representará primeiramente sempre morte para o pecador, cujo pecado não pode subsistir diante da santidade de Deus. E logo, pela graça de Deus demonstrada em Jesus Cristo e prometida à fé nele, representará também ressurreição do pecador para a vida eterna, pela fé neste Deus e no poder da Sua Palavra.

O mesmo se dá com *os sacramentos* no sentido estrito da palavra. Também neles Deus ao mesmo tempo nos julga e mata, e nos agracia e ressuscita dos mortos, por Sua promessa em Jesus Cristo. Esta experiência sacramental no sentido estrito, por sua vez, não quer se esgotar em si própria, mas remeter para fora de si, a uma experiência sacramental num sentido amplo, envolvendo a criação inteira. Neste âmbito cabe toda uma “*espiritualidade ecológica*” derivada de uma teologia da criação que faça jus à presença da Palavra de Deus na criação inteira, por ela criada e por ela sustentada até hoje.

4. Espiritualidade Evangélica: o Ser Humano no Espelho de Deus

A partir de agora quero me debruçar mais especificamente sobre as consequências deste confronto com a Palavra de Deus para a espiritualidade cristã. E começo fazendo-o no que diz respeito ao nosso encontro com a Palavra nas palavras humanas da Bíblia, ou seja, na pregação.

Na Bíblia, quando a Palavra de Deus se junta com palavra humana e nela, através dela e por trás dela nos confronta com o próprio Deus, temos uma espécie de espelho de Jesus Cristo, a Palavra viva de Deus. O princípio da encarnação e da sacramentalidade faz com que as palavras da Bíblia sejam para nós um espelho de Deus, uma *imago Dei*, revelando o caráter de Deus e ao mesmo tempo do ser humano. Ou seja, como Jesus é ao mesmo tempo Deus e ser humano, sendo as palavras da Bíblia juntadas com a Palavra eterna de Deus um espelho de Jesus, pela Bíblia podemos saber como Deus é (naquilo que cabe a nós conhecer dele) e ao mesmo tempo como nós somos.

Interessa-me refletir um pouquinho sobre este “*nós somos*”. Colocados diante do espelho de Deus, Sua Palavra nas palavras da Bíblia, somos confronta-

dos com a nossa realidade real, tal como ela aparece diante de Deus. Temos aí uma espécie de retrato, imagem do que o ser humano era para ser aos olhos de Deus. Ou seja, temos aí expressa a vontade de Deus para o ser humano. Ela se encontra expressa na Bíblia de muitas maneiras: nas leis, nas histórias, nos poemas, na profecia, mais que tudo na vida e na pregação de Jesus. Mas sempre nos confronta imperiosamente com aquilo que diante de Deus deveríamos ser.

4.1. Primeiro Momento

Este confronto com a Palavra de Deus representa para nós juízo impiedoso sobre todo o nosso ser, que é revelado, exposto, deixado nu na presença de Deus e do nosso próximo. Para bem além das nossas obras ou da nossa passividade, das nossas ações ou das nossas omissões, somos julgados no cerne mesmo do nosso ser, nos motivos e nas intenções mais profundas do nosso ser e do nosso fazer. E é aí que a raiz mesma do pecado que se misturou a todo o nosso ser aparece exposta, para nossa vergonha e juízo.

Nossos sentimentos quando olhamo-nos desta forma no espelho (e neste sentido o espelho, espelho nosso de cada dia também poderá se tornar “sacramentalmente” espelho de Deus) foram descritos de forma muito expressiva no seguinte poema:

De novo, aqui, o silêncio.
O fim da linha, o começo da poesia.
O coração em pedaços.
Os olhos cansados de olhar no espelho.

Me olhei hoje de novo, não gostei do que vi.
Espelho, objeto estranho, mostra tudo invertido.
Talvez seja isso que não me agrada.
A imagem sou eu, só que diferente, invertida.

Já não sei quem é o invertido,
Será que sou eu ou a imagem?
Essa imagem que olha em meus olhos e me acusa.
Ela parece sempre ter razão.
Tudo indica que o invertido sou eu.
Mas como ser o “não-invertido”?
Como esquecer as maquiagens?
O espelho me pede o inverso de mim.

A vida apronta cada uma conosco.
Ou será que somos nós que aprontamos com a vida?

O tempo pede meu sangue,
A história ainda não foi escrita.
O inverno não passou,

A alvorada não veio.
O que sobra é a fumaça do fogo apagado,
O vento frio da madrugada.

O dia está às portas,
Mas ele não chega.
O inimigo está próximo.
O inimigo sou eu.³

Espiritualidade cristã autêntica é sempre de novo a experiência deste confronto com a vontade de Deus que expõe toda a extensão do nosso pecado e cuja sentença julgadora nos mata. Na pessoa e na vida de Jesus, este é o momento da cruz. Contemplar o nosso ser exposto ao juízo de Deus é contemplar o ser do próprio Deus pregado na cruz por causa deste nosso pecado e sofrendo sobre Si mesmo este juízo e esta morte.

Por isso a contemplação da cruz tem sido sempre um forte elemento na espiritualidade cristã ao longo dos séculos. Ele mesmo, por certo, exposto novamente ao pecado que também das nossas formas de espiritualidade acaba fazendo novas formas de pecado. Contudo: contemplação de Jesus Cristo, ser humano como Deus queria o ser humano, contemplação que nos leva ao desespero por nossa condição tão corrompida diante desta imagem de Deus, levará também à contemplação da cruz, estação final deste desespero, ponto de chegada da sentença de morte que paira sobre nós.

Na cruz temos a experiência mais radical da *inversão* de que nos fala o poema. A presença do Deus eterno no mundo morrendo nu e desprezado, pregado numa cruz, é a experiência radical da inversão. Deus vem a nós escondido sob seu contrário, Deus se revela se escondendo, como também sempre ainda se esconde ao se revelar. Quando, porém, a palavra de julgamento de Deus nos atinge, os nossos olhos são abertos para a razão de ser disso. É a *nossa* inversão. Nós é que somos invertidos, este é o efeito do pecado sobre nós. Por isso é que Deus tem que fazer tal trajetória para chegar a gente como nós.

Mas é importante que diante de tal palavra possamos ser sinceros e autênticos. Só assim é que a nossa reação real ao confronto com Deus fica clara. Só assim é que a radicalidade da estranheza do agir de Deus também pode ficar clara. Só assim é que uma transformação que venha daí também será clara e radical. Nesse sentido aprendi a admirar um filósofo/poeta como Nietzsche, exatamente porque tem coragem de pronunciar alto e bom som aquilo que na verdade é a reação bem no fundo de cada um de nós, mas que os nossos escrúpulos religiosos, ou simplesmente a nossa hipocrisia, nos impedem de expressar. Nietzsche expressa sua revolta diante deste Deus crucificado. Ele é bem o contrário do que o próprio Nietzsche quer ser e acha que o ser humano deve ser (e que todos nós no fundo também queremos ser): *Übermenschen*, “super-homens”.

A experiência por que passamos diante do espelho, então, poderia ser cha-

mada de “inversão da inversão”, lembrando aqui uma categoria importante do pensamento filosófico da modernidade. Numa primeira reação, gritamos que o problema com o espelho é que está invertido. Numa segunda reação, nos damos conta de que talvez o espelho esteja assim exatamente para nos mostrar que na realidade quem está invertido somos nós.

Mas o confronto com o espelho não termina aí. A imagem que ele reflete continua sendo uma imagem dupla. Ao tempo em que vemos a revelação da vontade de Deus, vemos quão longe estamos da mesma e quão julgados somos por isso. Esta é a nossa realidade humana, este é o primeiro aspecto da pergunta pelo que “nós somos”. E o espelho só diz a verdade!⁴¹

4.2. Segundo Momento

Na continuação do confronto com o espelho, somos surpreendidos. A imagem continua a mesma, e continua dupla. Só que agora somos chamados a dar atenção não mais a nós, mas à própria imagem. Deus dirige a nossa atenção para a *imagem Dei* refletida em Jesus Cristo e Sua Palavra. E Deus nos fala, então, do que Lutero costumava chamar de “negócio feliz”: Cristo se identifica com nosso ser e com nossa sorte ao ponto de torná-los Seus, e torna o Seu ser e Sua sorte os nossos, a partir desta identificação. Há como que uma troca de lugares.

Lutero costumava dizer que Jesus nos revelou o coração de Deus. Como diz um antigo hino luterano: “Deus revelou seu coração: um mar de graça e compaixão” (HPD 157, 2). A história deste amor de Deus revelado em Jesus Cristo é, em suma, a história bíblica, que foi tão bem recontada em tom de testemunho pessoal por Lutero em seu conhecido hino “Cristãos, alegres jubilai” (HPD 155). Na sétima estrofe deste hino cantamos, na versão portuguesa: “Pois eu sou teu e tu és meu”. Estas palavras são colocadas na boca de Jesus e são uma reminiscência clara de um refrão do Cântico dos Cânticos: “eu sou do meu amado, e ele é meu”. Isto revela em que contexto Lutero vê ocorrer este evento da salvação pela morte e ressurreição de cada um e cada uma no confronto com a Palavra do Deus vivo, e que são na verdade morte e ressurreição por identificação pessoal com o Cristo, sendo ele próprio esta Palavra, foi o primeiro que se confrontou com o juízo e com a graça nela pregados.

O que acontece diante do espelho, então? Temos duas pessoas e duas imagens. Primeiramente, nos é mostrada a *imagem de Deus* segundo a qual fomos criados e que deveríamos poder ver em nós; ao voltarmos os olhos para nós tal como refletidos nesta imagem, nos damos conta da extensão do pecado sobre o nosso ser. Este é o momento do juízo, que na teologia luterana tem sido descrito como momento da pregação da “lei”. É o momento de ouvir a exigência da vontade do santo Deus, expressa no mandamento, e diante da qual só podemos fazer eco às palavras do hino: “o que na lei Deus ordenou, cumprir ninguém podia” (HPD 156, 2).

Num segundo momento, sendo que as duas pessoas e as duas imagens continuam ali, nossa atenção é novamente dirigida para a *imagem de Deus* refletida em Jesus Cristo. E aí ouvimos a palavra do “evangelho” que nos diz que, por causa do “feliz negócio” que Deus realizou conosco em Jesus, *é assim que somos agora vistos por Deus*. Ou seja, olhando para Jesus Deus vê a nós nele, *transfigurados*, agora novamente *imagem de Deus*. Este é o momento do anúncio da graça, do que Deus fez por nós em Jesus Cristo.

É importante ressaltar aqui que não estamos falando de uma espécie de representação dramática religiosa. O que acontece diante do espelho de Deus é a *realidade* mais fundamental de cada pessoa neste mundo, confronto paradigmático da salvação para todo o universo criado. E é importante também deixar claro que não se trata aqui de representações teológicas. Fundamental é o evento do confronto com a Palavra em si. A teologia, naturalmente, deve refletir sobre ele com as categorias mais pertinentes. Mas sempre corremos o risco de transformar isso tudo em representação teológica. A realidade, o evento, é o mais importante, com ou sem teologia que o reflita adequadamente.

Por isso, quando se está falando neste contexto de *morte e ressurreição*, não se está falando de sentimentos religiosos, de alguma *Einbildung* piedosa. Estamos falando de realidades ontológicas. Estamos falando de *morte* no sentido mais amplo que se possa dar a este termo, a morte como separação de Deus, em comparação com a qual a nossa morte física sempre era descrita por Lutero como “mortezinha”. E estamos falando de *ressurreição* para uma nova vida, vida em todos os aspectos maior do que a nossa experiência de vida neste mundo, vida no sentido amplo da palavra.

Alguém poderia perguntar: mas por que a Palavra de Deus tem que nos *matar*? Isto é compatível com a maneira como falamos do Deus da graça? Na tradição luterana esta pergunta já foi feita mais de uma vez, bem como a pergunta que a acompanha: por que pregar a *lei*, quando já temos o evangelho? A isso Lutero responderia de diferentes maneiras. Uma delas é que temos que ser reduzidos a “nada” para que Deus, o Deus que cria do nada, possa nos recriar completamente de novo à Sua imagem.

Cabe aqui uma palavra sobre o *olhar* que vê estas imagens no espelho. No segundo momento, como dizíamos, temos a realidade tal como se apresenta aos *olhos de Deus*. Mas aí tem um problema. O nosso olhar não alcança até lá. Se nos fiarmos nele, veremos só as imagens como aparecem no primeiro momento. Para enxergar isso precisamos de novos olhos. Estes novos olhos são o que a Bíblia chama de *fé*. Junto com a Palavra, Deus suscita também a fé, que entre outras coisas é esta capacidade de enxergar a natureza *transfigurada*, tal como ela é vista pelo próprio Deus.

Há um texto no NT que descreve bem esta *fé* (Hb 11.1). A fé é *elpizomenon hypostasis* (uma hipótese do que se espera), *pragmaton elenchos ou blepomenon*

(convicção acerca de fatos que não se podem ver). A segunda definição coloca a fé em relação ao ver. Fé é convicção acerca de um fato (*pragma*) que não se pode ver com os olhos. A primeira definição literalmente diz que a fé “torna concreto”, “hipostatiza” o que se espera. Ou seja, a fé enxerga mais longe que os olhos, e torna presente e concreto o que está aí, mas não se pode ver e por isso é objeto de esperança.

Tal fé não significa, contudo, que a partir daí a pessoa deixe de ver a sua realidade concreta, digamos, a realidade visível aos olhos, mas sim que esta realidade visível é como que “transfigurada” pelo olhar da fé. E é importante que se alerte para o seguinte: uma forma inadequada de conceber o que aqui estamos querendo entender seria que os olhos naturais enxergam a realidade do pecado, e os olhos da fé a realidade do pecado “transfigurada” pela graça de Deus. Não é bem assim. Seria até mais fácil se os nossos olhos naturais conseguissem ver tão bem a realidade do pecado. Neste sentido temos que dizer que a própria percepção da realidade do pecado já é um ato de fé. Só o olhar da fé, iluminado pela Palavra de Deus, pode discernir a extensão e a profundidade do pecado em nós. É por isso que é necessária a pregação da lei.

Quero terminar esta parte com as palavras de uma canção que procura expressar de modo poético tudo que foi dito acima:

Quando olho pra mim
no espelho de Deus,
fico sem saber o que dizer.
Então olho pra cruz,
lá está o meu Jesus,
que me amou apesar do que vi!

Na Palavra de Deus,
no contemplar a cruz,
posso ver o que de fato eu sou,
sem tentar disfarçar,
sem querer me enfeitar,
quando me olho no espelho de Deus.

Mas também vejo a cruz
e, no espelho, Jesus,
a perfeita imagem de Deus.
Vejo então como sou
aos olhos de Deus,
simplesmente porque Ele me amou,
simplesmente porque Ele me amou!⁵

5. Modelos Alternativos de Espiritualidade Evangélica

Para ilustrar exatamente o que acontece, precisamos examinar *formas alternativas* de conceber esta relação com Deus, esta vida da fé. Quero sugerir especialmente *dois* outros modelos que me parecem estar presentes entre o povo de Deus ao longo de sua história. Analisá-los já é também, de alguma forma, falar dos efeitos do pecado sobre a nossa relação com o espelho de Deus.

5.1. O Modelo do Preto e Branco

O primeiro modelo é o que eu chamaria de modelo *do preto e branco*. Poderíamos também chamá-lo, numa linguagem sociologicamente mais correta, de modelo *sectário*. Ele é simples de mostrar. Trabalha com o que tem se chamado de “lógica do preto e branco”. A vida é dividida em duas, e o elemento divisor é a conversão ou uma conversão, seja de que tipo for. A vida passada, o “ontem”, é preto. O presente, depois da conversão, é branco, pela graça de Deus. O modelo é *sectário* porque a partir dele o mundo é dividido em dois: de um lado, os crentes, do outro lado os não-crentes, os “brancos” e os “pretos”.

Uma canção popular dos nossos dias descreve-o com ironia:

Eu era um bêbado,
vivia drogado,
encontrei Jesus...
(...)
Na casa do Senhor
não existe Satanás!

5.2. O Modelo da Escada

Um segundo modelo seria o do *realismo cristão*; também poderíamos chamá-lo de modelo *do progresso*. É “realista” porque não supõe que a vida atual do cristão seja completamente “branca” (e os mais perspicazes também percebem que o passado, antes da conversão, não era completamente “preto”). Ou seja, neste modelo temos tons acinzentados de todos os matizes, desde um acinzentado claro até um mais escuro. O modelo é “de progresso” porque supõe que a vida cristã, mesmo que no seu início seja cinza escuro, vá se tornando um cinza cada vez mais claro no processo da santificação. Uma canção encontrada em alguns dos nossos cancionários descreve muito bem o modelo:

De fé em fé,
de glória em glória
seguimos a Jesus.

Nosso caminho
é como a luz da aurora,
que brilha mais e mais
até chegar a ser dia perfeito...

Este modelo também poderia ser chamado de “modelo da escada”. A imagem da escada de Jacó tem sido, ao longo da história da Igreja, usada para exemplificar a vida cristã. Na espiritualidade monástica do período medieval ela está presente em todos os lugares. Um conhecido *negro spiritual* do nosso tempo o descreve muito bem:

*We are climbing Jacob's ladder,
soldiers of the cross!
Each day brings me one round higher,
soldiers of the cross!*

Estamos subindo a escada de Jacó,
soldados da cruz!
Cada dia me leva um degrau acima,
soldados da cruz!

6. Espiritualidade Evangélica: Modelos em Confronto

No que estes modelos se distinguem do modelo *do espelho* que estamos propondo? Não seriam também bíblicos estes dois modelos alternativos? Certamente não seria difícil alistar várias passagens bíblicas como referendo para qualquer um dos dois, que, aliás, estão calcados em linguagem bíblica. Modelo *do preto e branco*, modelo *da escada*, modelo *do espelho*. O que os distingue? O que nos faz rejeitar os primeiros dois e insistir no terceiro como o único realmente bíblico e evangélico?

6.1. O Inadequado nos Dois Modelos Alternativos

O primeiro modelo, o do *preto e branco*, peca por não fazer jus ao conceito bíblico nem de Deus e nem do ser humano. Não faz jus ao Deus bíblico porque desconhece que viver na Sua presença é viver na presença da santidade absoluta, fogo consumidor, diante do qual a hedionda realidade do nosso pecado será exposta com toda a clareza. E quanto mais “perto” de Deus, certamente tanto mais este pecado, e com ele o sentimento de ser pecador, há de aparecer. E ele não faz jus ao ser humano exatamente porque supõe que o pecado tenha ficado lá no passado, e que agora a vida é de santidade. Não é “realista”, diríamos. Não se enxerga. Precisa de um espelho...

O segundo modelo, o da *escada*, parecendo convincente aqui da superfície, peca na raiz. Simplesmente inverte o foco das coisas. Ele é “realista”, percebendo os acinzentados também em sua atual vivência cristã. Isso tem de positivo em relação ao modelo anterior. Também percebe que a vida cristã é “caminho” e não uma experiência milagrosa que de uma vez por todas nos transfere para o reino dos céus. Contudo, na sua base ele simplesmente inverte as coisas. Onde está o problema? O problema é que o foco está *na pessoa* e no seu progresso.

O problema é que esta escada se sobe de baixo para cima, desde a terra vai-se subindo sempre mais, rumo ao céu. Mas isso, biblicamente, não seria o que se dá na escada de Jacó, e sim o que acontece na escadaria de Babel! Este modelo é antropocêntrico na sua raiz. Seu foco está na nossa subida gradual a Deus. Toda a espiritualidade está centrada num processo visível de santificação, estimulado por exercícios espirituais de todo tipo, com o fim de tornar esta subida uma realidade visível no dia-a-dia.

Uma das compreensões de vida cristã mais comum entre nós junta os dois modelos, retendo os melhores elementos de cada um. O processo é iniciado por uma conversão que marca o ontem como escuro e o hoje como claro. Realisticamente se percebe, no entanto, que este “claro” do hoje é um “claro” a ser alcançado e não ainda realidade empírica. Comumente se descreve isto como “ser o que já se é pela fé”. Ou seja, pela conversão somos limpos por Deus e recebemos dele estatuto de santidade, que agora terá que ser tornada real no dia-a-dia no processo do discipulado cristão. Chegar a ser na realidade empírica o que já se é pela fé.

É interessante como basicamente este modelo se encontra em tradições cristãs muito diferentes entre si, na sua forma exterior. É o modelo por excelência nos meios evangélicos e fundamentalistas (provavelmente os primeiros tendendo a acentuar o aspecto de “escada” e os últimos o do “preto e branco”). Mas também é o modelo mais comum na tradição católica. A tradição evangélica vai colocar no começo do processo uma experiência espiritual de conversão, a tradição católica uma experiência sacramental. Ao longo do processo, o evangélico será alimentado por renovadas experiências espirituais, a católica pela prática sacramental. Mas a lógica de fundo de ambos é a mesma. A vida é pensada e vivida, conscientemente ou não, desde o pressuposto aristotélico da distinção entre potência e ato. A vida cristã, por força dos sacramentos ou das experiências de conversão/consagração, recebe pelo Espírito Santo o potencial da santidade, que agora terá que ser tornada ato na empiria visível do dia-a-dia. E este processo será auditorado pela própria pessoa e pela sua comunidade.

O que distingue a escada de Jacó no verdadeiro sentido bíblico é que por ela Deus desce até nós. Isso é o que se diz em Jo 1.51, quando se apresenta Jesus como a escada de Jacó. Não somos nós que subimos esta escada, Deus é que desce por ela até nós. O sujeito nesta história não somos nós, é Deus. O foco não está em nós, está em Deus.

Basicamente o grande problema dos dois primeiros modelos é este seu *egocentrismo*, mais abstratamente antropocentrismo. Os dois põem o foco no ser humano. O que aparece no espelho sempre é o ser humano que se olha no espelho. Por mais que isso não apareça na superfície, pois pode ser e é disfarçado de mil formas, estamos diante de uma espiritualidade *narcisista*. O centro está na pessoa que se olha no espelho e examina o seu progresso espiritual. Quando isto é feito coletivamente, pelo grupo ou pela comunidade, não muda nada, pois o foco ainda está nas pessoas que se olham no espelho. A vida cristã, bem no fundo, é centrada em nós próprios. A sutileza e, em última análise, a tragédia deste tipo de espiritualidade são descritas num poema do qual cito algumas partes, e que reflete sobre o fato de Deus só se deixar ver “pelas costas”, ou sob a cruz, sob forma contrária, e com isso também as próprias manifestações deste Deus em nossa vida: de forma contrária, sim,

(...)

para colocar em questão
todo o nosso orgulho,
que tão bem sabemos disfarçar
e revestir de formas de espiritualidade
tocantes e elevadas,
belas e gloriosas,
mas sempre nossas.

Centradas, finalmente,
em nosso servi-Lo,
em nosso louvá-Lo,
em nosso querer agradá-Lo.

(...)

nosso orgulho, nosso desejo de ser
disfarçado em desejo de que Ele seja.

(...)

E como sabemos fazê-lo!

Desviando a glória
que Lhe é própria
para dentro de nós.

Não deixando que Ele seja,
porque de alguma forma
queremos nós ser.

E assim não deixando também
que nós próprios sejamos...⁶

6.2. Critérios Evangélicos para uma Espiritualidade Evangélica

O que distingue o modelo do *espelho* é, primeiramente, que ele é *teocêntrico* ou *cristocêntrico*. Ou seja, faz jus a Deus como Deus. Deixa Deus ser Deus. O foco está em Deus, não em nós. O sujeito é Deus, não somos nós. Vale o que Deus vê, não o que nós pensamos que vemos.

Mas isso não implica uma negação do ser humano. Pelo contrário. Como os reformadores perceberam muito bem, o tema da teologia é Deus, mas Deus em suas relações com o ser humano. E estas relações são de tal forma que, se o foco estiver errado, tanto Deus como o ser humano são falseados no processo. Já o foco correto mantém o ser de ambos. Quando deixamos Deus ser Deus, somos também, talvez por vez primeira, seres humanos no verdadeiro sentido do termo. Pois quando deixamos Deus ser Deus, o deixamos ser um Deus que cria e ama o ser humano e faz tudo em prol do mesmo.

O modelo do espelho se distingue, portanto, em segundo lugar, pelo fato de que faz jus também ao *ser humano*. Este é visto, por um lado, em toda a radicalidade do pecado e da condição humana. O pecado não precisa de nenhuma forma ser negado ou mascarado. Pelo contrário, ele é exposto, trazido à luz, desde os mais remotos subterrâneos do nosso ser. A pessoa é radicalmente exposta em sua nudez. Por outro lado, e ato contínuo, a pessoa é também vista em toda a sua dignidade de um ser amado por Deus, amor que restabelece a dignidade pessoal de cada um e cada uma diante de Deus e do próximo.

Em terceiro lugar, o modelo do espelho se distingue também pela *mediatividade* desta espiritualidade. A mediação é o espelho, a mediação é a Palavra de Deus no sentido amplo que aqui temos atribuído a este termo. O espelho é Jesus Cristo, a imagem de Deus, a Palavra fontal de Deus. Por esta mediação, expressa, como vimos, no corpo humano, nas palavras humanas e nos elementos da criação, Deus se dá a nós, restabelecendo assim o Seu propósito original com a criação inteira.

Por tudo isso, o modelo do espelho é sumamente *libertador*. Ele “liberta” Deus das amarras que sutilmente o processo da espiritualidade autocentrada lhe impõe, liberta a pessoa humana de si própria e da escravidão de sua própria imagem no espelho. A pessoa é vista na sua condição de simultaneidade, do ser pecador e ao mesmo tempo do ser santo, e as duas coisas ao mesmo tempo.

Esta simultaneidade, e só ela, faz jus à forma como especialmente a teologia paulina concebe a história como história da justaposição de dois *éons*, de duas eras. Desde a encarnação de Deus, e especialmente desde a ressurreição, a “era vindoura” já se faz presente em nosso mundo e em nossa história, de uma forma visível para a fé. Sem, contudo, anular a “era presente” com tudo o que a acompanha. Pelo contrário, a condição humana que resulta do pecado é como que aguçada a partir da justaposição a ela da “era vindoura”. Quanto mais os olhos da fé vão tendo noção desta realidade de Deus no mundo, mais também eles vão tendo noção da realidade do pecado e da condição humana.

A percepção desta simultaneidade se dá sempre que a nossa realidade é iluminada pela Palavra de Deus. E esta Palavra de Deus é palavra encarnada, palavra sacramental. Temo-la de forma perfeita na pessoa de Jesus Cristo. Temo-la nas formas de presença desta Palavra em nosso mundo hoje: na pregação do evangelho e nos sacramentos. Neles esta simultaneidade “fontal” da Palavra de

Deus que vem e reveste os elementos da criação (palavras humanas da Bíblia, água, pão, vinho) se faz experiência pessoal, de modo que na pessoa de cada um esta simultaneidade se torna realidade.

6.3. Uma Questão de Perspectiva

O momento crucial da distinção entre este modelo e os dois modelos anteriores é que estes, em última análise, vêem o ser humano *coram meipso*, diante de mim mesmo ou desde a perspectiva de mim mesmo, *coram hominibus*, diante do ser humano ou desde a perspectiva do ser humano, ou *coram mundo*, diante do mundo ou desde a perspectiva do mundo. Por isso em última análise o que conta é o que os olhos vêem, com tudo que daí resulta.

Contudo, espiritualidade evangélica autêntica é espiritualidade da fé, que aprende a ver todas as coisas *coram Deo*. São duas perspectivas de fundo, e que resultarão sempre em modelos distintos de compreensão e vivência da vida cristã⁷.

Coram Deo, nossa identidade verdadeira não é a que é revelada pelo que todos vêem ou pelo que está registrado em nossa carteira de identidade. *Coram Deo*, somos o que somos no coração de Deus. Desde esta perspectiva os problemas da teologia e da espiritualidade cristã são recolocados. Proponho apenas um exemplo, que tem tudo a ver com a nossa analogia do espelho. Trata-se da questão da *imago Dei*. A teologia tem ficado entalada entre alternativas que, em última análise, padecem do mal de querer resolver esta questão *coram hominibus*.

Desde uma perspectiva evangélica luterana, a imagem de Deus se perdeu completamente com a queda no pecado. Não há possibilidade de negociar aqui. Fazer descontos aqui teria efeitos perniciosos sobre o conjunto da teologia e, conseqüentemente, da espiritualidade. No entanto, da mesma forma podemos dizer e temos que dizer que esta *imago Dei* no ser humano continua intacta no coração de Deus. Em Jesus Cristo, Deus encarnado, ela é trazida de novo ao mundo. Em Jesus Cristo, imagem perfeita de Deus, ela é refeita em todos aqueles que estão *en Cristo*, em Cristo. Perceptível, desde já, somente à fé, mas nem por isso menos real. A não ser que acabemos tendo que concordar que, na realidade real do nosso dia-a-dia, a fé de fato não pesa muito, não obstante todas as nossas falas em sentido contrário⁸.

Neste sentido, uma “espiritualidade do espelho” será um processo de discipulado na fé, uma fé que vai nos ensinando desde o mais íntimo do coração a nos percebermos *coram Deo*, de modo que esta percepção vá com o tempo se tornando a minha verdadeira percepção de mim mesmo *coram meipso*. Poderíamos dizer que o centro de gravidade do nosso ser vai se deslocando para fora de nós mesmos e que a nossa verdadeira identidade vai sendo encontrada no coração de Deus.

7. Espiritualidade e Cruz

A fé, então, traz para nós esta perspectiva do *coram Deo*, que, por causa da simultaneidade da nossa existência como pecadores justos, sempre estará em guerra dentro de nós com a velha perspectiva *coram hominibus* a que estamos desde sempre acostumados e que continua a ser alimentada pela nossa descrença. Esse choque de perspectivas dentro de nós, com tudo que daí resulta, é que marca a existência cristã como existir entre duas eras, não no sentido de não pertencer a nenhuma delas, mas exatamente no sentido de pertencer plenamente às duas e se dar conta cada vez mais disso.

Como o expressa Conrad F. Meyer no seu *Huttens letzte Tage*:

Em sua alma luta o que *foi* e o que *será*,
em duelo duro, cansativo e emaranhado.
Seu espírito é campo de batalha de duas eras...⁹

Com o pequeno esclarecimento de que, desde a perspectiva do presente, o que *foi* continua sendo (e de fato só agora é visto em toda a radicalidade deste ser presente) e também o que *será* já é agora (sempre na fé, no desejo, na oração, no suspiro, na esperança).

Assim, a espiritualidade cristã é de fato campo de batalha, de conflito, de guerra. E nesta batalha somos de fato “*soldiers of the cross*”, como quer a canção citada mais acima, mas provavelmente num sentido um tanto diferente do que o pretendido originalmente pelo cântico. Ser soldado da cruz representa na verdade uma inversão profunda de todas as nossas perspectivas e nossos valores. Poderíamos dizer que a cruz é a forma da imagem de Deus possível neste mundo de pecado.

7.1. Espiritualidade e Tentação

A espiritualidade evangélica pode e deve ser caracterizada como espiritualidade *da cruz* por duas razões. A primeira, já mencionada, é o aspecto do conflito interior dela resultante. Lutero chegou a usar linguagens muito fortes para descrevê-lo. Numa delas, o ser humano é uma mula ou jumento disputado por dois cavaleiros: Deus e o diabo. Há como que um conflito de proporções cósmicas em andamento, tendo reflexos no fundo da alma do ser humano. É importante acrescentar, contudo, que em Lutero esta perspectiva nunca leva a qualquer tipo de dualismo em que o diabo estaria no mesmo nível de Deus. O diabo é já sempre o inimigo derrotado na cruz, sempre sujeito em última análise ao senhorio de Deus também já agora neste mundo.

Contudo, são exatamente as formas de manifestação deste senhorio de Deus que envolvem, para o crente, conflito e cruz. Pois Deus também aqui continua a se revelar se escondendo e se escondendo ao se revelar. De modo que para o ser

humano nem sempre é fácil perceber quando é Deus e quando é o diabo que estão aí. O papel do *discernimento*, neste sentido, seria uma importante dimensão da espiritualidade a se resgatar. Também aí vale, todavia, para a fé: mesmo quando Deus “se apresenta a nós como diabo”, como Lutero chegava a dizer, sempre ainda a fé pode e deve se apegar ao amor de Deus e ao Seu senhorio sobre o mundo, e nesta confiança estar disposta a “ir ao inferno com Cristo, se necessário, desde que com Cristo”, citando mais uma vez Lutero, de forma solta.

Mais uma vez temos que colocar aqui esta espiritualidade evangélica face às suas alternativas. E de novo me parece que temos aqui duas alternativas comuns dentro da tradição cristã. A primeira seria mais compatível com o modelo do *preto e branco*, e vê o conflito como já definitivamente resolvido no passado, na cruz. “Cantai, pois a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar”, como diz uma conhecida canção dos nossos cancioneiros, reverberando o cântico de Moisés de Êx 15, reflete bem esta perspectiva, quando aplicada à existência cristã hoje. O cristão é cheio de poder, poder sobre todas as forças do mal, sobre os demônios e sobre as doenças. Mencionando novamente a canção popular já citada acima:

Na casa do Senhor
não existe Satanás.
Xô, Satanás!

Aqui, portanto, a perspectiva é definitivamente “pós-pascoal”. O cristão vive da realidade da ressurreição e do seu poder. Falar de cruz como realidade presente se torna problemático. Na visão da história, os dois éons simplesmente são vistos como subseqüentes no tempo. O cristão já vive no novo éon, o reino de Deus já se faz presente neste mundo. Dentro da comunidade cristã, é claro. O mundo lá fora, por sua vez, jaz completamente no maligno.

Uma segunda alternativa segue e acompanha o modelo da *escada*. Com diferentes variantes, nem sempre fáceis de discernir. Dentro da tradição católica ela se manifesta mais ou menos como uma conseqüência da maneira como é vista a relação entre natureza e graça na tradição escolástica. Tal como aí a graça se constitui em extensão da natureza para dentro do âmbito da fé, com pouco conflito real entre as duas, também o olhar da fé representa, nesse sentido, uma extensão do olhar humano, basicamente sem conflito.

Na espiritualidade, marcada fortemente pelo moralismo, a fé potencializa as virtudes humanas, como descritas classicamente na ética aristotélica, acrescentando-lhes ainda as chamadas “virtudes teológicas” (fé, amor e esperança). No confronto das perspectivas acima descritas, diríamos que aqui a perspectiva *coram Deo* se torna uma extensão da perspectiva *coram meipso*, as duas correndo na mesma direção, mas uma reforçando a outra pela graça sobrenatural superaditada.

Dentro da tradição evangélica, o esquema se apresentará de maneira diferente, contudo com uma lógica de fundo parecida. Aqui a ruptura que se dá com a conversão é mais marcada do que geralmente se dá na tradição católica, antropo-

logicamente mais otimista. Contudo, o peso nas virtudes cristãs, no seu reconhecimento visível e na sua expressão doméstica e pública é o mesmo. Ou seja, também aqui a espiritualidade terá forte cunho moralista. A realidade da cruz é acentuada, contudo sempre à sombra da ressurreição, como uma espécie de contraste pedagógico e não como realidade existencial.

A glória de Deus que aqui se busca passa necessariamente pela glória do ser humano na vivência das virtudes cristãs. O pecado é desde sempre realidade vencida, uma vez que é descrito quase sempre em termos moralizantes. O Espírito Santo dá forças ao cristão, concede-lhe graça sobrenatural, para resistir ao pecado. E assim, na realidade real da vivência deste tipo de espiritualidade, sentimento real de pecado não é coisa tão comum. Bem mais comum é um sentimento de satisfação com a *performance* religiosa até o momento. Isso se mostra sempre que pecados se fazem presentes em ambientes com este tipo de espiritualidade. Naturalmente, pecados dentro do perfil moralizante que caracteriza a ótica desta espiritualidade. O sentimento de escândalo é grande, e também a indignação, como se se tratasse de manifestações de uma realidade alheia ao ser cristão. O preço aí sempre é uma redução enorme do conceito de pecado, por sua moralização.

Desde a perspectiva de uma espiritualidade verdadeiramente evangélica, aqui é que se manifesta a cruz. No embate com o ser humano natural, e isso inclui desde já suas virtudes morais, a cruz representará sempre uma inversão completa de perspectiva. Será sempre também virtude *sub contrario*, fé não como extensão da visão, mas fé *contra* a visão.

Que tal perspectiva possa ser designada de libertinista ou de antinômica, por seus possíveis efeitos sobre a moral, já é uma evidência de que nossa teologia e nossos juízos de valor continuam sendo feitos desde a empiria da visão e não desde a realidade da fé. Que esta perspectiva tornaria o cristianismo fácil demais, tal coisa só pode ser dita por alguém que ainda não percebeu tudo quanto está aí envolvido. Lutero, respondendo uma vez a acusações desse tipo, disse que achava “ser muito mais fácil caminhar de joelhos até Santiago de Compostella do que viver esta vida da fé”.

Sim, porque peregrinar de joelhos ainda estará dentro do horizonte dos nossos impulsos naturais. Já o viver pela fé terá que ser dom de Deus, pois vai contra tudo que pode vir do ser humano. Aceitar diante do espelho de Deus a quebra de todos os nossos espelhos e de todo o nosso narcisismo tão profundamente arraigado e de mil maneiras disfarçado, isso exige graça. E para ser tornado real, vai implicar conflito e cruz.

Para Lutero, é aqui que o diabo vai concentrar de fato suas forças sobre o cristão. Na verdade, a aparência da presença e da luta dele contra outros aspectos, sejam moralizantes ou intelectuais, seria só uma nuvem de fumaça para ocultar o ponto em que ele realmente não quer nos encontrar, que é diante do espelho de

Deus. E quando se chega aí, pela graça de Deus, vai-se experimentar também o quanto este diabo ainda tem força neste mundo e neste éon.

Esta era, para Lutero, a *tentatio* maior, diante da qual as outras pareciam bastante diminuídas. Aqui se dava a verdadeira *Anfechtung*, onde o diabo, o pecado e a morte assaltam o cristão com toda a força. E qual seria o “conteúdo” desta tentação? Fazer voltar os olhos sutilmente, gradual e imperceptivelmente, para o sujeito religioso diante do espelho. Fazer com que a preocupação da teologia e da espiritualidade cristã volte sempre a ser o ser humano como sujeito da fé e da religião.

É fácil de compreender isto. Aí nos sentimos, na verdade, seguros. No fundo, esta “reinversão”, como poderíamos chamá-la, é manifestação de *incredulidade*, e por isso mesmo sempre o pecado maior, o *pecado* no singular. Viver diante do espelho de Deus vai contra tudo que somos. Viver pela fé na Palavra de Deus vai contra tudo que somos. E isso de fato não conseguimos. E assim sutilmente voltamos à perspectiva autocentrada das nossas espiritualidades “espirituais”, onde, sim, se pode medir, se pode enxergar, se pode ver em que estado as coisas *realmente* estão. Onde de novo estamos na posição de juízes, como gostamos, e não de réus.

Aqui estamos falando de espiritualidade da cruz. Cruz onde o sujeito religioso morre para si. Cruz onde renunciamos a tudo que buscamos, mesmo que disfarçado de espiritualidade, e especialmente aí. Sim, pois para nós o objetivo maior da vida cristã é sempre “o que vamos conseguir” com isso. Mesmo que este “conseguir” só se dê no fim, exigindo uma abnegada renúncia durante toda a existência terrena. Mas o “céu de ouro” nos espera, consegui-lo mostrará que valeram a pena tanto esforço e tanta renúncia. A cruz é morte também para os nossos céus de ouro em suas mil expressões, para ficarmos tão-somente com o nosso Cristo que morreu por nós e ali nos declara o Seu eterno amor e desejo de comunhão conosco.

7.2. Espiritualidade e Libertação como Resgate da Dignidade Humana

Um segundo aspecto da perspectiva da cruz na espiritualidade temos, ao meu ver, na realidade sofrida de milhões de pessoas amadas por Deus, mas que não têm neste mundo o mínimo de dignidade para poderem “se olhar no espelho”. Ou porque são tão pobres que nem um espelho possuem, ou porque vivem numa condição subumana, num nível de sobrevivência em que falar de espelhos se apresenta como realidade fora de lugar.

Este aspecto de uma espiritualidade evangélica tem sido elaborado na América Latina ao longo dos últimos 30 anos. Menciono-o aqui porque não o fazer seria deixar de lado talvez metade da nossa população, cuja existência real nem

sequer lhe permite a mirada no espelho que está na base do tipo de “espiritualidade” evangélica que estamos propondo. Como já mencionei no início, aqui abre-se toda uma dimensão da espiritualidade que envolve a existência do ser humano justificado no espelho de Deus, agora ele próprio como espelho (imagem) deste Deus em meio a um mundo sofredor.

8. Concluindo

Antes de concluir, gostaria de chamar a atenção para a continuação da tarefa aqui iniciada, da forma como a vejo. Precisamos refletir sobre a existência deste ser humano justificado pela fé como *imago Dei*, como espelho de Deus para os outros seres humanos. Neste sentido, não somos só nós que nos vemos no espelho de Deus, nós próprios somos constituídos espelhos de Deus para os outros, tornando-nos mediações vivas desta Palavra/espelho de Deus no mundo.

Precisamos refletir também, como já mencionei no início, sobre a presença de Deus no espelho da criação e da sociedade ou das sociedades humanas. Com Lutero, temos que descrever esta presença de Deus não de forma transparente, como nossos espelhos hoje são, mas de forma “obscura”, como diria o apóstolo Paulo a partir da realidade dos espelhos do seu tempo (1 Co 13.12). Temos que falar aí não do rosto de Deus como se nos apresenta em Jesus Cristo, mas das *máscaras (larvae)* atrás das quais Deus se revela a nós na criação, dos *invólucros (involutura)* embrulhado nos quais Ele se manifesta a nós, numa revelação que esconde, num esconder que revela. Isto se deve, sem dúvida, ao pecado e às desordens cósmicas causadas por ele, afetando a criação inteira¹⁰.

Em todos estes níveis, sugiro como categoria básica para a análise teológica a *transfiguração*. Nela temos uma forma de presença daquilo que é oculto para os olhos, mas perceptível pela fé. Nela temos uma forma de percepção da realidade que transcende o plano da empiria visível. Na transfiguração continuamos a ver elementos da criação, mas agora como que revestidos da glória de Deus. É uma categoria escatológica, como a experiência que pretende descrever¹¹.

Dentro da tradição luterana, vejo duas formas de falar do presente de maneira transfigurada. A primeira é vislumbrá-lo a partir do *escaton*, a partir do que Deus promete fazer com esta realidade ou com este elemento da criação. É como diz a conhecida canção: “Futuro ilumina o presente”. A realidade presente é como que colocada diante do espelho do seu futuro contido na promessa de Deus. Vemos como as coisas serão ou voltarão a ser no futuro de Deus. A segunda forma está contida no *coram Deo*, olhar a realidade desde a perspectiva “do céu”, desde a perspectiva de Deus. Quero sugerir que em Lutero esta forma de falar da realidade a coloca como que diante do espelho da criação original, do paraíso. Aí vemos as coisas como Deus queria que fossem originalmente¹².

Assim, passado e futuro de Deus iluminam o presente, transfigurando-o para

a fé. Naturalmente, a fala que resultará desta experiência, também a fala teológica, terá uma lógica para si. Será, mais do que a fala do discurso filosófico e reflexivo, a fala da poesia, da canção, da oração, do suspiro, do desejo. Uma fala que tenta prestar contas da ausência de Deus no presente. Ausência, contudo, que se faz presente transfiguradamente em Sua criação, confortando-nos e encorajando-nos em nosso presente vivido sob a realidade da cruz.

Retornando, agora, ao nosso ponto de partida, poderíamos perguntar de novo: é possível falar de “espiritualidade evangélica”? Nossa resposta agora teria que ser: depende do que se entende por esta palavra. No sentido comum, de uma perspectiva centrada no ser humano como sujeito religioso, teríamos que dizer: não! Neste sentido, uma espiritualidade evangélica luterana só pode ser uma espécie de *antiespiritualidade*, por causa do seu forte caráter de “antinarcisismo”, por trazer dentro de si uma crítica a toda a nossa autocontemplação diante dos nossos espelhos.

Assim, uma espiritualidade do espelho em última análise representa um paradoxo. É uma espiritualidade do espelho que tem por fim nos libertar justamente dos nossos espelhos e da sua opressão. Lembrando Branca de Neve, todos somos a rainha má cuja vida girava em torno dos seus espelhos, até que estes finalmente se apagaram. Diante do espelho de Deus, somos libertos da fixação no espelho que está tão profundamente arraigada em nós.

A espiritualidade evangélica como espiritualidade do *espelho* nos fará modificar um pouco a pergunta feita ao espelho no início. Depois da primeira olhada no espelho, seremos constrangidos a perguntar: “Espelho, espelho meu, haverá no mundo alguém mais *feio* do que eu?” Só aí seremos surpreendidos com um convite a uma segunda olhada no espelho, que nos levará a perguntar, desta vez, porém, em “santo desapego” de nossa própria imagem, quase que com a inocência original do paraíso perdido: “Espelho, espelho meu, haverá no mundo alguém mais *bonito* do que eu?”

Notas

- 1 Georg HECKEL, Lutherische Spiritualität, in: *Zugänge zu Luther* : Veröffentlichungen der Luther-Akademie e.V. Ratzeburg, Erlangen, 1984, vol. 6, p. 55-95.
- 2 Tentei refletir um pouco sobre a questão destes últimos parágrafos, desde o enfoque da eclesiologia, numa série de teses recolhidas no artigo Somos escada: que escada somos? : reflexões eclesiológicas a propósito do lema da IECLB para 1995-96, *Estudos Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 150-54, 1996.
- 3 Marcelo Jung, *Espelho*, poema inédito, 1996.
- 4 Vale lembrar que na tradição luterana estamos acostumados a pensar na *lei* como espelho. A lei é o espelho que nos mostra o nosso pecado. Lutero costumava chamar os mandamentos de “espelho saxão dos judeus”. O que estou sugerindo aqui é que podemos estender a analogia do espelho também para dentro do “segundo momento” do confronto com a Palavra de Deus, enquanto ela nos mostra a *imago Dei* revelada em Cristo e concedida a nós por graça e fé.

- 5 Enio R. Mueller, Espelho, canção inédita, 1995.
- 6 Enio R. Mueller, Textos, poema inédito, 1995.
- 7 Gerhard EBELING analisou muito bem o significado deste *coram* em Lutero para a nossa vida e teologia. Cf. *O pensamento de Lutero*, São Leopoldo : Sinodal, 1988, p. 152-65. Cf. também *Dogmatik des christlichen Glaubens*, Tübingen : Mohr, 1979/1987, vol. 1, p. 334-55, especialmente p. 348-55.
- 8 Quero remeter aqui a uma afirmação de Helmut THIELICKE (*Der evangelische Glaube : Grundzüge der Dogmatik*, Tübingen : J. C. B. Mohr, 1968, vol. 1, p. 197), que sugere um “modelo bíblico” para compreender a questão da identidade do ser humano. A uma certa altura Thielicke diz o seguinte: “Isso poderia acarretar uma revisão da doutrina usual da condição de imagem de Deus do ser humano, que visa constantemente — em especial em sua versão tomista — afirmar a continuidade indestrutível da natureza humana, e então se vê obrigada a demonstrar o elemento identicamente permanente do ser humano, sua *natura*, nos estágios do estado original, da queda e da redenção. Se, pelo contrário, a identidade humana está abrigada no coração de Deus, isso acarreta a consequência de que a condição de imagem de Deus não consiste numa soma de propriedades ou qualidades demonstráveis e contínuas do ser humano, e sim de que a *condição de imagem de Deus do ser humano indica, em última análise, a imagem que Deus tem de nós.*”
- 9 Cit. ap. Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero*, p. 17-18.
- 10 Chamo a atenção aqui para dois excelentes artigos de Vítor WESTHELLE que trabalham esta temática desde ângulos um pouco distintos, mas com muitas incidências: A voz que vem da natureza, *Estudos Teológicos*, v. 30, n. 1, p. 16-26, 1990; e Cruz, criação e ecologia, *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 3, p. 291-300, 1994.
- 11 Com Leonardo Boff, embora de maneira diferenciada, Ulrich ASENDORF chega a empregar a categoria de transparência em contextos como esse. Veja especialmente as suas iluminadoras reflexões sobre o tema das expressões da ressurreição na criação em Lutero, no seu livro *Die Theologie Martin Luthers nach seinen Predigten*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1988, p. 141-49.
- 12 A relação entre criação e escatologia em Lutero tem sido analisada já por extenso. Cito apenas duas obras já clássicas: David LÖFGREN, *Die Theologie der Schöpfung bei Luther*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1960 (e aí especialmente p. 163-308); e Ulrich ASENDORF, *Eschatologie bei Luther*, Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1967 (especialmente p. 243-92).

Enio R. Mueller
Caixa Postal 14
Escola Superior de Teologia
93001-970 São Leopoldo — RS